

O Estado de S. Paulo

13/1/ 1985

Polícia dissolve os piquetes com firmeza

A polícia acabou com os piquetes, mas a violência aumentou, com os soldados atacados com pedras e paus e revidando com bomba e tiros durante mais de quatro horas. Tão logo os soldados deixaram o local, por volta das dez horas, os cortadores de cana invadiram canaviais da usina Bonfim, incendiando-os. Viaturas de combate a incêndios da usina, chamadas ao local, foram apedrejadas e parcialmente destruídas.

A partir de então a violência e o pânico generalizaram-se na periferia de Guariba. O trabalhador José Donestilde Luís, da usina São Carlos, foi preso disparando seu revólver na direção de uma tropa da PM.

Vários ônibus foram apedrejados e danificados em Guariba como aconteceu com um veículo da Viação Ramazini ocupado por dezenas de pessoas, inclusive mulheres e crianças. A polícia sempre chegava depois dos incidentes, dissolvendo os grupos de manifestantes que voltaram a se reunir em outros locais para novas depredações. Dezesesseis manifestantes foram presos, quatro soldados saíram feridos.

A violência policial foi justificada pelo capitão Newton, subcomandante da PM em Guariba, como forma de conter a revolta popular. "Se houve acessos, como no caso do padre espancado, que identifiquem os autores que iremos apurar responsabilidades." Para ele, "as manifestações dos trabalhadores estão contando com o auxílio de pessoas estranhas aos cortadores de cana, embora não nos caiba resolver as questões políticas que estás por trás da greve. Nosso problema é garantir a segurança da área".

Novos distúrbios eram temidos à tarde, quando os grevistas deveriam reunir-se em assembléia no estádio de futebol Domingos Baldam, no centro da cidade, para decidir sobre continuidade da greve. Vários comerciantes fechavam as portas temendo saques.

Tensão na região

Em Barrinha, com 15 mil habitantes, dos quais oito mil bóias-frias em greve, a situação também esteve tensa, com a PM ocupando a cidade, mas sem registro de atos de maior violência. Os piquetes foram desmobilizados pela polícia e vários caminhões de bóias-frias puderam chegar às destiladas normalmente.

O presidente da Fetaesp — Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de São Paulo —, Roberto Horiguti, que se instalou na cidade (está morando no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Barrinha), circulava pelas ruas pedindo para que os trabalhadores de cana mantivessem a greve "até a vitória final: obter o pagamento de 20 mil cruzeiros por dia e estabilidade no emprego", entre outras coisas.

Horiguti responsabiliza o ostensivo policiamento na região como causa da excitação dos cortadores de cana, "além da intransigência dos usineiros que não resolvem atender às reivindicações dos trabalhadores que passam fome e estão desesperados".

Todos na cidade temem que a violência tome conta de Barrinha, como aconteceu há um ano, quando centenas de pessoas invadiram a delegacia de Polícia local para linchar o assassino de uma menina de quatro anos, quando destruíram sete viaturas policiais e 37 pessoas ficaram feridas.

(Página 22)